

Brasileiros preferem cautela

MAISA NASARIO
Correspondente

Paris — Como se afirmou aqui em Paris, durante essa semana de expectativas para o Brasil, a reunião de ontem dos dois representantes brasileiros — o embaixador Alvaro Gurgel de Alencar e o diretor de relações internacionais do Banco Central, Antônio Pádua Seixas — foi exclusivamente de informações e de restabelecimento de relações normais do Brasil com seus credores internacionais. A reunião propriamente de negociação foi marcada para o dia 19 de janeiro de 1987. Um bom presente de Natal? Talvez... Até o momento o Clube de Paris nunca marcou uma reunião de negociação sem ter intenções de concluir um acordo. Mas os representantes brasileiros dessa "rodada" preferem ser cautelosos, e não cantar vitória antes do tempo.

A conclusão dessa reunião, segundo o embaixador Alencar, foi a seguinte: "nós decidimos realizar uma reunião negociadora no dia 19 de janeiro. Nesses dois dias, o Clube de Paris reexaminou a situação da economia brasileira tal como tinha sido examinada na reunião do dia 10, no Fundo Monetário Internacional. E foi com base nisso que se decidiu que no dia 19 de janeiro o Brasil e o Clube se reuniriam para negociar.

Quanto à abertura de portas à negociação com os bancos privados, Alencar prefere não estabelecer um vínculo direto entre a decisão de ontem e outras negociações. Por outro lado, a abertura de novos créditos comerciais ao Brasil será decorrência dessa reunião em janeiro de 87, afirma o embaixador.

A seguir, um retrospecto do que o Brasil veio apresentar nessa reunião e as expectativas que existiam no País em relação aos seus resultados: se elas eram corretas, que resultados nós temos agora e quais os novos passos que nós vamos dar. Quem fala é o embaixador Alvaro Alencar:

— Esta reunião é parte de todo um processo que as autoridades monetárias e financeiras brasileiras vêm desenvolvendo, no sentido de restabelecer um relacionamento normal com a comunidade financeira internacional. Esse é

um trabalho que o ministro Funaro, em particular, tem desempenhado muito ativamente, como os senhores sabem, no qual tem tido um apoio muito grande do Presidente da República, e essa estratégia visa a ir gradualmente, passo a passo, normalizando as relações com cada segmento dessa comunidade. No caso agora tratava-se de normalizar esta relação. — E trata-se ainda evidentemente, porque as negociações ainda não foram realizadas — as relações com os credores oficiais, o chamado Clube de Paris, e para isso era preciso que o Clube tivesse uma certa indicação de como evoluem a economia brasileira e as medidas tomadas durante o processo de ajustamento dessa economia no seu rumo correto. O clube recebeu essa indicação do Fundo Monetário, e julgou-a positiva, e com base nisso naturalmente decidiu que se realizasse a reunião do dia 19.

— Nós viemos aqui com o propósito de obter do Clube uma decisão de negociar e a marcação de uma data para essa negociação. Isso nós obtivemos.

— Essa negociação abre as portas para as negociações, logo em janeiro, com os bancos comerciais, como pretendia o ministro Funaro? — Na medida em que cada um desses passos que ele estabeleceu na estratégia de negociação com a comunidade financeira internacional for um passo bem sucedido, claro que se permite que se inicie o passo seguinte: as negociações com os bancos comerciais.

— O fato de o Clube marcar a reunião de negociação não garante, no entanto, que o acordo para o reescalonamento esteja assegurado. Antes fosse assim... Nós temos muito chão pela frente.

— Nas reuniões de quarta-feira e de ontem os credores solicitaram do Brasil informações relativas sobretudo às contas externas do País. Quanto à queda acentuada dos ganhos brasileiros na balança comercial, os credores não se manifestaram frente aos representantes brasileiros. "A reação deles é expressada entre eles sem a presença do país que está negociando com eles. Eles fazem perguntas, pedem informações, se interessam, mas o resto do processo, como ocorre sempre no Clube de Paris, prossegue

em contatos separados entre o país interessado em negociar e os Membros do Clube. De modo que eu não tomo conhecimento das reações deles.

— Não se falou nessas duas reuniões, sobre a singularidade de um eventual acordo com um país sem passar necessariamente pelo Fundo Monetário.

— Também a pauta com os pontos para a negociação do dia 19 de janeiro ainda não foi estabelecida. A pauta ainda não está definida, mas será estabelecida até o dia 19. Quanto à abertura de uma linha de crédito, ela só ocorre após a assinatura de um acordo.

— Não é obrigatória a presença do Ministro da Fazenda na reunião de negociação. Cada país faz como quer. Em janeiro a reunião deverá ser para, finalmente, estabelecer o acordo.

— Os números divulgados nos últimos dias pela imprensa brasileira - 2 bilhões de dólares — estão genericamente corretos.

— Nunca nenhuma autoridade ou pessoa autorizada pelo governo brasileiro afirmou que o acordo com o Clube de Paris já estava concluído.

NORMALIDADE

"A interligação entre as duas negociações do Brasil — com o Clube de Paris e com os bancos comerciais — no início do próximo ano, está vinculada à volta à normalidade das relações do Brasil com o mercado", afirma por outro lado Antônio Pádua Seixas, do Banco Central. "Não existe essa vinculação de ser necessário um acordo aqui pra começar lá. O fato de ter uma data marcada aqui já permite essa outra negociação", completou.

A saída da reunião, um representante do governo holandês afirmou (antes do encontro com os do Brasil) que havia se obtido uma conclusão satisfatória aos dois lados. Essa satisfação não é ainda um acordo, mas — ressalta Seixas — uma volta à normalidade: "Posso dizer que a expectativa é essa. Essa reunião significou a abertura da porta para a normalidade. Agora nós conseguimos isso deles: que eles aceitem sentar conosco no dia 19 de janeiro para fazer essa negociação, e como consequência disso, é natural que tudo volte ao normal entre o Brasil e os seus credores".